

Rádio: janela para a modernidade

Por Machado da Graça*

* *Jornalista*

A rádio é, talvez, a maior ponte de comunicação entre a maioria do povo moçambicano e a modernidade.

É verdade que o camponês vai, por vezes, à vila e vê, por lá, automóveis, camiões e tractores.

É verdade que, de longe em longe, um avião sobrevoa a aldeia, já não espantando grandemente ninguém.

É igualmente verdade que, na administração, há pessoas que falam ao telefone, normalmente aos berros, com quem está longe. Quem sabe, mesmo em Maputo.

Mas os automóveis são um meio de transporte e deve ser relativamente fácil fazer a transposição de meios de transporte mais fáceis de entender, como os de tracção animal, para o automóvel e seus derivados.

O avião é mais complicado de entender, mas é uma coisa longínqua, que passa lá longe, no céu. Dizem que vai cheio de gente e quem quiser que acredite nisso. Quem não quiser acreditar também ninguém lhe levará a mal.

O telefone é um objecto estranho, é verdade, mas o camponês apenas observa o que se passa num dos extremos da conversa. Só vê a pessoa que está do seu lado a falar para uma coisa de forma estranha. Não ouve o que de lá sai e pode, perfeitamente, acreditar que tudo aquilo não passa de uma encenação sem nenhum conteúdo real.

Agora a rádio é um milagre a que qualquer pessoa pode assistir. Quando o primeiro chegou à aldeia e foi ligado, de dentro dele saiu música que todos puderam dançar. E apareceu a voz de um homem a falar. E a voz de uma mulher. E de outros homens e de outras mulheres.

E, o que é mais espantoso, é que, quando se anda à volta com um botão, deixamos de ouvir o homem que fala português ou inglês e passamos a ouvir alguém a falar na nossa própria língua.

O telefone estava ligado a um fio e, se acreditarmos que há uma voz que passa através dele, parece claro que essa voz vem através do tal fio. Não se percebe muito bem como, mas, sem o fio, ainda se perceberia menos.

Mas o rádio não tem fio nenhum. Usa umas pilhas iguais às que se vendem na cantina e servem para a lanterna que o vizinho comprou há algum tempo. E as vozes não estão nas pilhas. Se estivessem a lanterna do vizinho também falava.

Portanto, o rádio é qualquer coisa que surge sem que o camponês encontre apoios culturais para a sua compreensão. A dizer a verdade aquilo está mais para o lado da magia do que para outra coisa qualquer. Aquelas vozes que saem da caixa estão mais próximas dos espíritos dos antepassados do que de gente realmente viva, de carne e osso como nós.

Até mesmo o gira-discos, ou a grafonola, no caso dos mais velhos, era mais fácil de entender. Mesmo o leitor de cassetes é, apesar de tudo, mais fácil.

Não se sabe muito bem como, mas aquela gente da cidade conseguiu meter as músicas no disco ou na cassete e, de uma forma que o camponês não compreende, mas sabe

fazer, consegue-se tirar essa música cá para fora. Mas é sempre a mesma música quando se coloca lá o disco ou a cassete.

O rádio é diferente. De cada vez que se liga, a voz que sai é de uma pessoa diferente, as músicas são outras, repetindo-se, ou não, de acordo com razões que se desconhecem.

E as vozes falam de muita coisa. Falam de coisas que sabemos que são verdade, porque aconteceram na nossa aldeia, no nosso distrito, afectaram a nossa região. E falam de coisas e gentes de que não sabíamos sequer que existiam, nem onde moravam, nem o que faziam e pensavam. Para camponeses, cuja perspectiva termina na sede do distrito, em raros casos na capital provincial e, em menos casos ainda, em outras zonas do país, os noticiários da rádio abrem janelas para um mundo de dimensões absolutamente gigantescas, para um universo de culturas, de maneiras de estar, viver e inter-agir que podem ser esmagadores.

E, muitas vezes, adivinham mesmo o futuro. Com uma linguagem complicada dizem coisas que aquele amigo, que estudou lá na capital, explica que quer dizer que, amanhã, vai chover. E é verdade que, no dia seguinte, chove.

E a rádio diz que, na outra semana, o governador provincial vai visitar aquela aldeia. E, uma semana depois, lá está ele, cheio de poeira, a descer do jeep.

Se isto não é magia, então o que é?

Por outro lado a rádio leva a casa de qualquer um as consultas médicas, as informações jurídicas, os debates sobre os mais variados assuntos. E, nesses debates, há pessoas que se opõem a ministros, há gente a dizer coisas que

nenhum camponês pensaria possível ao seu nível de experiência de vida, em que o respeito pelas diferentes formas de autoridade é quase religioso.

Mas, por outro lado, o rádio cai e estraga-se. E é o Sitói, que foi às minas, que consegue repará-lo e fazer com que volte a falar.

E, se aquilo se avaria e pode ser reparado, é porque não é mágico. Onde já se viu magia que avaria e pode ser reparada?

Portanto, embora tenha todos os ingredientes da magia, afinal é coisa de gente. É coisa que temos que aceitar como humana, por muito que isso violente tudo aquilo que sabemos porque nos foi ensinado pelos mais velhos e mesmo pela nossa própria experiência de vida anterior.

O rádio é, portanto, porventura o mais violento confronto diário do camponês com a modernidade.

E, creio, por muito que se perceba que é uma coisa humana, dificilmente perde uma certa auréola de sobrenatural, tornando sagrado aquilo que se ouve através daquele meio. Tornando sagrados os personagens que nos chegam por essa via.

Por outro lado, mesmo as coisas mais sagradas acabam por se tornar corriqueiras ao fim de um convívio com elas mais ou menos prolongado. Os milagres começam a deixar de o ser quando nós os podemos, de alguma forma, controlar.

E, ao aprender a usar o botão que liga e desliga o rádio, o camponês está a começar a controlar o milagre. Está a dar um passo significativo em direcção à modernidade.

Choque mais forte terá sido, para aqueles que os viram, o cinema ou a televisão. Ao acrescentar a imagem com proporções que estão sempre a alterar-se, e com coisas e seres impossíveis de acreditar, o efeito de confronto violento com a modernidade é muito mais significativo.

Mas eu creio que será ainda uma minoria pouco significativa a quantidade de camponeses moçambicanos que já viu cinema ou televisão. Ao passo que rádio praticamente já toda a gente ouviu pelo menos uma vez, por mais recôndito que seja o local onde habita.

Até aqui encarei a questão, essencialmente, de uma perspectiva das zonas rurais. Partindo do princípio de que, nas zonas urbanas, o rádio é já, há bastante tempo, um fenómeno suficientemente divulgado para ter perdido já a maior parte das suas características de confronto com a modernidade.

No entanto, mesmo nas zonas urbanas, a rádio foi, num período não muito distante, uma porta por onde entrou uma forma específica de modernidade, a modernidade política.

Durante o período colonial a sociedade moçambicana era uma sociedade quase completamente fechada às ideias modernas de independência e democracia. As emissoras locais, nomeadamente o Rádio Clube de Moçambique, eram completamente subservientes às ideias coloniais e os países com quem Moçambique faz fronteira eram, igualmente, dominados por regimes completamente opostos a essas formas de modernidade.

É a rádio que começa a furar o bloqueio, à medida que as independências africanas se vão aproximando das nossas fronteiras. Recordo ainda as pessoas a ouvirem a Rádio Brazaville, nos anos 60, que falava já de um mundo novo que tardaria ainda bastante a chegar até nós.

A BBC era outra janela que se abria para a modernidade. Mais tarde foi a Rádio da Tanzânia e a da Frelimo.

Todas elas falavam de coisas que, sendo já o presente de muitos, eram ainda o futuro, mais ou menos distante, dos moçambicanos. Pelas suas antenas passavam conceitos políticos e ideologias que não existiam sequer na maior parte das culturas do mosaico moçambicano.

De resto ainda hoje este fenómeno se verifica. Ainda hoje é a rádio o instrumento fundamental para a introdução em muitas línguas, e formas de cultura, nacionais de conceitos como, por exemplo, o de autarquia, município, etc.

A Rádio Moçambique, através dos seus projectos CECE e CODER, tem feito um importante estudo de formas de introduzir esses conceitos, de uma maneira clara e correcta, nas línguas nacionais em que emite. Com esse esforço, a rádio continua na linha da frente da introdução de formas da modernidade em todo o país.

Em resumo, posso dizer que, de um modo ou de outro, a rádio é um factor de confronto do moçambicano com os novos tempos, as novas ideias e as novas realidades.

E penso que, até a televisão aumentar muito a sua área de cobertura, vai continuar a sê-lo.